

UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DO DIRETÓRIO CENTRAL DE ESTUDANTES DA FURB
Nº 12 — DIREÇÃO: ACARY AMORIM — JUNHO/75

Festival Universitário da Canção

Um tom maior na música catarinense

O Festival Universitário da Canção, realizado no final do mês de maio em Blumenau, repercutiu em todos os centros universitários do Estado. Desde o número de músicas inscritas, visualizando um alto grau de criatividade, tanto musical como de letras, até os dias de espetáculos que foram transmitidos pela TV Coligadas Canal 3 e a idéia que toma vulto de ser lançado um LP das músicas da fase final.

Jamais, Blumenau foi palco de uma promoção que reunisse o número de estudantes em contato com a música — esta arte que contagia a todos de uma forma diretamente.

Algumas falhas existiram, mas não chegaram a ofuscar a iniciativa pioneira dos Diretórios Acadêmicos de Blumenau.

As côres do Festival Universitário da Canção forma um quadro de côres vivas que para os próximos anos apenas precisará ser lapidado.

As músicas classificadas nos primeiros lugares, seus autores e compositores, estão estampados na última página.



Shows de Ivan Lins, Modo Livre, Novo Tempo e Bananera Ltda.

Kafka — Teatro — Artes

Entrevista: Herculano desabafa Estudantes retomam a palavra

K A F K A

ISIDORE DUCOSSE

Dura tarefa esta, a de escrever a respeito de Franz Kafka, o gênio que escreveu "O Processo", "A Metamorfose", "América", "A Colônia Penal" e tantas outras obras que o imortalizaram e que foram e continuam sendo o deleite de muitos leitores que, lendo-o, sentiram e continuam sentindo todo o peso de sua desmedida solidão, mesmo entre a multidão; toda a sua angústia, o seu tédio, a sua impotência, seu sofrimento... Obras que perdurarão para sempre, contradizendo-o, ao final de tudo, quando o próprio Kafka dizia que não teria posteridade. Atormentado pela figura dominadora do pai, Kafka produziu as obras mais discutidas da literatura mundial; mas não viveu dessa glória (ele mesmo se negava a usufruir da literatura).

Certamente que Kafka tinha um temperamento estranho. Mas não foi o seu temperamento que fez dele um solitário; foram as condições de vida que lhe eram impostas pelo seu tempo, pelo seu país, pela sua situação e pela sua família.

Em Praga, Kafka falava a língua alemã, que não era a língua do povo no meio do qual vivia. Não só a língua, mas a sua condição de "filho do patrão" lhe dificultavam enormemente, no tempo em que ele trabalhou na empresa do pai, qualquer contato mais verdadeiro e qualquer aproximação maior com os empregados tchecos da firma. Dentro, também, da minoria que falava o alemão em Praga, a família de Kafka permanecia isolada por ser uma família de judeus: o preconceito racial e a hostilidade anti-semita — que depois vieram a ser explorados por Hitler — excluíam os judeus da comunidade de fala alemã existente em Praga. Contudo, mesmo entre os judeus — que eram a minoria da minoria — Franz permanecia isolado, pois não era um crente fervoroso e disciplinado, não frequentava a sinagoga e não se achava satisfatoriamente entrosado na religião judaica. Apesar de uma tremenda necessidade de crer em algo, Kafka jamais chegou a encontrar paz de espírito em qualquer fé ou em qualquer igreja.

A CARTA AO PAI

Franz Kafka, foi, sobretudo, um tímido, um paranóico genial. A solidão o esmagou durante toda a sua vida (no seu último ano de vida o amor, talvez, lhe acenava com uma saída), e nos seus escritos ele desabafou toda a angústia que o dominava. Sua obra daria todo um tratado de psicanálise. E é na "A Carta a Meu Pai" que encontramos todas as respostas às suas angústias.

Nesta longa carta que escreveu ao pai (Hermann Kafka, cuja vontade sempre foi lei dentro de casa, e os seus métodos educacionais eram claros, diretos, mas não tinham sutileza alguma) em novembro em 1919 e que o pai nunca chegou a ler (porque a mãe, que fora incumbida de fazer a entrega resolveu guardá-la consigo), Franz recorda um episódio da sua primeira infância que caracteriza bem os métodos primitivos e algo brutais de Hermann Kafka como educador, dando igualmente uma idéia nítida dos efeitos produzidos por tais métodos sobre o filho pequeno.

Eis o relato de Franz: "Choramava eu, certa feita, durante a noite, pedindo água, incessantemente. Sem dúvida, não era porque tivesse sede e sim, provavelmente, em parte para aborrecer e em parte para distrair-me. Como algumas ameaças não haviam dado resultado, tiraste-me da cama, levaste-me nos braços para a varanda e ali me deixaste, sozinho, em pé, diante da porta fechada. Não quero dizer que isso tenha sido indevido; pode ser que naquela ocasião não fosse possível conseguir de outro modo o repouso noturno. Só quero, com isso, caracterizar teus métodos educacionais e o efeito que tinham sobre mim. Não há a menor dúvida de que nessa vez me tornei obediente; mas, ao fazê-lo, tinha sofrido certo dano interior. De acordo com a minha natureza, jamais conseguí relacionar satisfatoriamente o lógico — para mim — daquele absurdo pedir água com o extraordinariamente terrível castigo de ver-me posto fora de casa".

Ao contrário dos escritores realistas — e naturalistas —

Franz Kafka procura apresentar a distorção total, e desfiguração plena da realidade meramente objetiva, que apenas funciona como trampolim para uma espécie de supra-realidade fantástica, povoada de esfinges. Sua obra faz do absurdo o seu sustentáculo, a sua força motriz, o seu "leit motiv". Mas um absurdo com fios de lógica sutil, de crítica, de racionalidade incólume.

Seu estilo paranóico e/ou obsessivo nasceu devido as imposições de seu ambiente, como já vimos, a começar pelo velho Hermann Kafka, cujo vulto somente já o aterrorizava. "A Carta ao Pai" é o documento que prova isso, já em seu início, onde lemos:

"Querido Pai:

"Perguntaste-me certa vez por que motivo eu afirmava que te temia. Como de hábito, não soube o que te responder, em parte exatamente pelo temor que me infundes, em parte porque os pormenores que contribuem ao fundamento deste temor são em demasia para que os possa manter reunidos, nem mesmo pela metade, durante a palestra. E mesmo esta tentativa de responder-te por escrito ficará inconclusa, porque, também ao escrever, o temor e os seus efeitos inibem-me diante de ti, e a magnitude do tema está além de minha memória e compreensão.

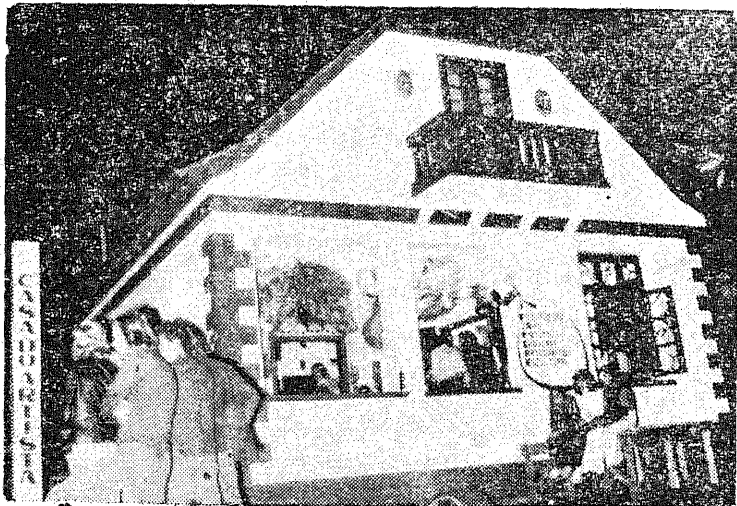
"Para ti, o problema sempre se apresentou muito simples, ao menos por aquilo que falavas a esse respeito diante de mim e, sem discriminação, de muitos outros. Acreditava-se que devia ser, mais ou menos, assim: durante toda a tua vida trabalhaste duramente, sacrificando tudo pelos teus filhos e especialmente para mim; como consequência disso, vivi de modo dissipado, tive inteira liberdade para aprender o que desejasse, não tive razão de me preocupar pelo sustento; isto é, nenhuma inquietação; não pedias gratidão em troca, conheces o agradecimento dos filhos, mas ao menos uma aproximação, um sinal de simpatia; em vez disso, sempre me afastei de ti, para o meu quarto, livros, amigos malucos, idéias exaltadas; nunca falei

confiadamente contigo, no templo nunca fui para ti, em Franzensbad jamais te visitei; muito menos tive sentimento de família, jamais me interessei pelo teu negócio ou outros assuntos, associei-me à fábrica contigo e depois te deixei, apoiando-te em seu erro, e enquanto por ti não movo um dedo nem mesmo te trago uma entrada para o teatro), faço tudo pelos amigos. Se resumes o teu juízo a meu respeito, deparas que não me censuras algo realmente indescendente ou mau (exceto talvez, meu último projeto de casamento), senão frieza, afastamento, falta de gratidão. E certamente me atiras em rosto, como se fosse minha a culpa, como se com um golpe do timão pudesse dispor tudo de modo diverso, ao passo que tu não carregas nem a mais íntima das culpas, salvo a de ter sido excessivamente bondoso comigo.

"A esta tua usual representação, eu a considero correta apenas naquilo que diz respeito à tua ausência de culpa em nosso afastamento. Mas também igualmente isento de culpa estou eu. Se pudesse alcançar que reconhecesses isto, seria possível, talvez não uma existência nova, para isso estamos ambos demasiado velhos, mas sim uma espécie de paz, não um cessar mas sim um atenuamento de tuas contínuas censuras".

Mas até o fim de sua vida Franz Kafka, que nasceu em 1883, em Praga, na Tchecoslováquia, nunca conheceu esta paz. Morreu em 3 de junho de 1924, quando ainda poucas de suas obras haviam sido publicadas. Mais tarde, a Segunda Guerra Mundial, a brutalidade dos campos de concentração, a matança de milhões de judeus como ele, entre as quais estavam as suas irmãs, a morte de tantos outros milhões de patriotas antinazistas (entre os quais se achava Milena, uma mulher que Kafka amou), tudo isso contribuiu para que as situações "absurdas" criadas por ele em sua obra fossem vistas sob uma nova luz e para que o conteúdo realista da produção kafkiana transparecesse, sob as vestes do fantástico.

Os artistas já têm casa



Até 1970 não se ouvia falar da cultura catarinense (as principais promoções — e mesmo as menores — vinham até o Paraná e pulavam para o Rio Grande do Sul), e não existia uma só galeria de arte em todo o Estado de Santa Catarina, ou uma entidade que se interessasse seriamente por nosso artesanato criativo. Portanto, desconhecíamos nossas próprias possibilidades.

Desconhecíamos a pintura e a tapeçaria de Alberto Luz, suas formas orgânicas, seus nus misturados com vegetais, e com suas cores firmes e estranhas, surreais; Sylvio Pléticos e seus peixes tão característicos; Freya Gross (parece até nome estrangeiro, e é daqui); Pedro Paulo Vechietti e suas tapeçarias; Ricardo Hoffmann e seus livros; Marcos Konder Reis e seus poemas (nos livros)...

E Ernesto Meyer Filho (e seus galos)? E Elke Hering Bell (e Lindolfo)? E Rubens Oestroem (o perfeito discípulo de Magritte), Guido Heuer e seus gravados, Vera Sabino, Jairo Schmidt Antônio Mir, Érico Silva, Martinho e Rodrigo de Haro (irmãos na arte), Eli Heil...

E a FURB, através de seu Departamento de Cultura, promovendo exposições de artes plásticas (quem expõe atualmente é Rainério Krieger), poesia e literatura. Aqui está o Vilson do Nascimento (contos e poesias surreais e suas experiências com o zenbudismo, juntamente com o Bráulio Maria Schloegel.

No Teatro Carlos Gomes uma escola de balé orientada por Pauline Stringer trabalha com afinco, e Mara Probst Schloegel, pioneira nesta área durante anos, trabalha em outras cidades sem se afastar to-

talmente de Blumenau.

A galeria Açú-Açú tem as pesquisas escultóricas de Hamilton Cordeiro (e seus desenhos); os poemas gráficos de Hugo Mund Jr.; os poemas-processo de Pedro Bertolino e Osmar Pisani (e Alcides Buss, de Joinville, expos seus poemas-processo numa das últimas coletivas). E na Açú-Açú sempre está à sua disposição o poeta Lindolfo Bell (e suas anamórias).

E mais quem? Tantos, tantos: Carlos Ronald Schmidt (poesia), Edla Pfau (máscaras em bambú), Vera Regina de Moura e César Silveira (jóias), Maria Verônica Piehler (pedras decorativas), Nilson Delais (madeiras), Max Hartmann (entalhes), Orlando Ferreira de Mello (aquarelas), Reinaldo Pfau (pinturas), Mário Ralph Correa (monotípias), Ronald Niemeyer (música), Péricles Prade (poemas e contos), Graziela Reis e Suely Beduschi (pinturas), e outros, e tantos outros que dariam toda esta página e até mais.

BEM! E A CASA?

Em 30 de janeiro do ano passado, os idealizadores da Casa do Artista (Guido Heuer, Rubens Oestroem e Kátia Schmidt Fonseca) viram que seus esforços não resultaram inúteis: abriram as portas da casa que até hoje (e por muitos anos ainda, cremos) acolhe artistas e suas obras, promove cursos de modelagem pintura (para crianças e adultos), de música, concursos literários, exposições; tudo, enfim, que se relaciona com estas atividades culturais.

Você poderá visitar a

Casa do Artista, na Rua República Argentina, 19, das 10 às 12 e das 15 às 22h, diariamente; é uma entidade pública, atualmente mantida por 48 sócios que com suas contribuições auxiliam a renovação constante dos nossos meios culturais.

Em suas dependências estão expostas várias obras de consagrados nomes catarinenses (esculturas, pinturas, gravuras, antiguidades e artesanato em geral). E para conhecer estas obras não é cobrado qualquer ingresso aos visitantes, nem existe qualquer compromisso. Recentemente realizou-se uma exposição de entalhes em madeira do escultor Max Hartmann.

No interior da Casa do Artista existem trabalhos de Suely Beduschi, Rubens Oestroem (que tem convite para um curso superior em Viena), Reinaldo Pfau, Antônio Carlos Guetler, Max Willecke, todos blumenauenses, com suas pinturas a óleo; os artesanatos de Kátia Fonseca, e as antiguidades que ela está reunindo já há algum tempo, com paciência e abnegação de artista (que é); e Meyer Filho, de Florianópolis, com seus galos, pintos tão original e caracteristicamente; es. culturas e pinturas de Antônio Mir, de Joinville; desenhos e caricaturas do Sérgio Bonson, Santa Catarina; as gravuras do nosso colega do Jornal de Guido Heuer; os entalhes em madeira de Max Hartmann; e os desenhos (aquarela) de Max Moura.

PROMOÇÕES

A Casa do Artista mantém um curso de pintura, com aulas dirigidas por Rubens Oestroem, e ainda um curso de violão, dado por Perci Kellermann, sendo estes cursos abertos a todos que tenham interesse em desenvolver seus dons artísticos.

Para este ano estão previstas diversas promoções. Já foi realizada a exposição de Max Hartmann, abrindo a temporada. E dia 22 último foi iniciada uma Exposição de Arte Infantil do Colégio Sagrada Família,

como incentivo à criatividade das crianças e adolescentes dos nossos educandários.

Sem datas marcadas estão previstas uma Exposição de Antiguidades e uma Exposição de Rodrigo de Haro, com suas pinturas a óleo; mais uma "Noite de Blues e Jazz", com dois artistas de Porto Alegre; e ainda uma importante promoção em colaboração com Lauro Bacca, do Colégio Pedro II: a "Semana da Ecologia", tendo como convidado especial Burle Marx, atualmente o maior paisagista brasileiro. Ainda dentro da "Semana da Ecologia" serão convidados cinco artistas para pintura de outdoors sobre o tema "poluição", sobre o qual haverá ainda um Concurso de Contos e ainda uma passeata de bicicletas e distribuição de plantas.

Como outras atividades, a Casa do Artista promove periodicamente palestras e conferências culturais, sempre objetivando a movimentação artístico-cultural da região.

Outra importante promoção será a Feira de Artesanato, na Praça Doutor Blumenau ou na Praça Fritz Müller, em caráter permanente. A inscrição de qualquer pessoa interessada em expor poderá ser feita na Casa do Artista, no seu horário de funcionamento. E futuramente estará funcionando na Casa do Artista uma biblioteca sobre Artes, em organização, e que poderá ser consultada por todos os visitantes.

DEPARTAMENTO DE CULTURA

O Prefeito Evelásio Vieira promoveu criar um Departamento de Cultura antes da posse. Apesar do apoio recebido nas inúmeras manifestações de cultura em Blumenau, os artistas locais lembram que a Casa de Cultura (ou Departamento) ainda não saiu. Joinville já tem a sua, e também o departamento, o qual tem à frente o poeta Alcides Buss. Em Blumenau existe apenas o entusiasmo (dos artistas e interessados), mas que esbarra com a inércia da atual administração, neste sentido.

José Roberto Rodrigues

“Qualquer débil ment

Lauro Oliveira Lima é um dos precursores moeiro do Norte, 54 anos de idade, foi diretor do ensino, feiçãoamento e Difusão do Ensino Secundário e mentor dos em vários estados brasileiros até 1965. Respeitados conservadores —, ele esteve recentemente em F. Empresarial”, no IBAGESC, tendo concedido entrevista. Eis algumas de suas idéias:

... “Ao invés da escola ser um xerox, reprodução do que já foi dito, já feito, ela... deve ser um processo de desafio permanente da criatividade, da construção da consciência crítica. (...) O melhor é aprender o que acontece agora com consciência crítica, já duvidando de que aquilo está certo, porque quando lhe apresentarem um novo conhecimento você estará psicologicamente preparado para entender”.

... “Todo professor deveria, imediatamente após a aula, pelo regulamento da universidade, ser criticado pelos alunos. Todos os alunos que ouviram a aula deveriam criticá-lo. Desta forma criaria-se um sistema permanente não só de crítica ao conteúdo como à didática, à metodologia... É o

que a gente chama de “feed-back” em cibernética. Ou seja: a retroalimentação da minha própria ação”.

... O professor nunca é criticado. Em todos os meus livros falo mal do professor apesar de ser professor, sempre ter trabalhado no magistério, admirar essa profissão. Esse negócio de aula é uma m(*), uma coisa incrível... qualquer débil mental pode dar aula, dizer as maiores tolices e pronto. O sujeito está protegido por todo um sistema e não se pode tocar no cara. Ao contrário: o objetivo não é aprender? Então por que não deixar funcionar o “feed-back” até que o professor se aperfeiçoe? É por isso que o sistema escolar tende sempre a decair. A maioria dos professores acha que não deve ser

criticado pelos alunos. Por que? Porque não tem segurança, não tem competência”.

... “Todo sistema em que não há crítica cria um estado de apatia geral. Isso que está acontecendo é um desperdício de matéria-prima espetacular. Afinal, o sujeito tem 14 bilhões de neurônios dentro da cabeça”.

... “Todo sujeito que completa 18 anos deve ter sua vida política como a Constituição prevê. E se a elite do país é justamente a juventude universitária, esses caras é que deveriam dar as diretrizes para todos os outros. Mas pelo menos eles deveriam estar se aperfeiçoando. Ao menos não deveriam aceitar aulas expositivas evidentemente incapazes. (...) Os meninos ficam dizen-

do que não estudam porque é ruim e tal. Ora, eles que se reúnam, promovam dinâmica de grupo, debates, leiam livros... O sujeito de 18 anos já não precisa mais de professor, e sim de biblioteca, laboratório. Esse negócio de dizer que não aprende porque o professor ensina é coisa de guri pequeno”.

Solicitado a qualificar a reforma do ensino implantada no país através da Lei 5.692, afirmou: “Um equívoco. Basta saber que ela diz que profissionalizou o ensino no Brasil. Ora, para implantar estruturas escolares com a finalidade de profissionalizar o ensino — comprar máquinas, etc. — precisaria o orçamento da República durante 20 anos. Estão é brincando. Colocar no papel

Este início de ano marca um súbito fortalecimento do movimento estudantil em todo o país. Até pouco tempo o estudante encaracolava-se na crise que se abate na universidade brasileira, tornando-os anêmicos e alheios não somente aos problemas escolares, como em maior teor aos problemas de interesse regional, estadual e nacional.

Em pouco menos de quatro meses de aulas os estudantes retomam a palavra e em todo o país soa o eco da consciente participação da classe estudantil. Os estudantes da Universidade de São Paulo — pioneiros do Movimento Estudante atual — desde o início do ano se mobilizam a favor da revogação do decreto-lei 477, recharçaram o ex-ministro Jarbas Passarinho da PUC e atualmente aglomeraram suas forças em apoio aos estudantes da Escola de Comunicações e Artes, que estão em greve desde o dia 16 de abril deste ano, exigindo a destituição do Diretor Manuel Nunes Dias.

Somando-se a isso as greves em São José dos Campos, Bragança Paulista, Jundiaí, Santos, São Carlos, Taubaté, as crises na PUC do Rio de Janeiro, na Faculdade de Economia da UFRJ, na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, na faculdade de Odontologia da UFSC e os movimentos estudantis em todos os centros universitários do país, pode-se concluir que está havendo uma elevação do nível de lutas dos estudantes.

As contradições que provocam as mobilizações sempre existem, pois a repressão policial ou burocrática em momento algum deixou de avançar contra os estudantes; mas as respostas enérgicas que o movimento estudantil atualmente desfecha contra as imposições das Universidades, embora costeadas pelos escudos de decretos e leis repressivas, demonstram claramente o salto qualitativo de sua consciência política e a sua disposição para a luta que nem mesmo os reformistas estão conseguindo abafar.

O acadêmico Carlos Monteiro, da Escola de Comunicações e Artes da USP, cita o exemplo que “no semestre do ano passado, os órgãos de segurança exigiram a renúncia do diretor da Faculdade de

Uma visão nacional da política Estudantes retom

No dia 21, reuniu-se na Universidade de São Paulo, a maioria do país, com o objetivo de debater a atual situação do ensino superior em âmbito estadual e a revogação dos decretos repressivos 288, 477 e 478. Os debates tiveram início às 9 horas e se prolongaram até às 21 horas. O presidente do Centro de Estudos Básicos da Universidade de São Paulo, Acadêmico de Filosofia da FURB.

O relato que segue é do Acadêmico Acari Amorim que atua no Centro de Comunicações e Artes de São Paulo e sobre o atual movimento

Filosofia, também da USP; os estudantes, então, não responderam senão com uma tímida denúncia em panfletos e murais, logo esvaçada e relegada ao esquecimento. Hoje, o simples fato do Diretor da Escola de Comunicações e Artes, não ter renovado o contrato de um professor torna-se o estopim de uma intensa mobilização, que traz a tona todas as decisões facistóides do Diretor, que coloca toda a escola em greve e assembléias permanentes e que mobiliza também os estudantes das outras unidades da USP em torno do problema que se torna de âmbito nacional pela divulgação em todos os meios de divulgação do país”.

A elevação do teor de combatividade dos estudantes é hoje um fato incontestável; e como a Universidade sempre tem sido um termômetro da luta de classes, essas mobilizações refletem uma situação muito mais ampla: a crise mundial do capitalismo e o ascenso internacional da classe operária, o colapso do “milagre brasi-

tal pode dar aula" ...

na implantação das teorias de Piaget no Brasil. Cearense de Lino secundário no país, diretor da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de uma série de empreendimentos na área educacional realiza como um dos maiores pedagogos — até mesmo por seus adversários — em Florianópolis, onde ministrou um curso sobre "Dinâmica de Grupo" na Universidade Federal de Santa Catarina.

que está tudo profissionalizado...? Em Belo Horizonte, por exemplo, existem 32 cursos de secretariado. Isso que dizer que o mercado brasileiro está abastecido de secretárias até o ano 2.000, só de mineiro. (...) Essa lei é uma farsa e o que está havendo é uma palhaçada geral. Todo mundo dizendo que está profissionalizando guia de turismo, servente de hotel... Profissionalização é um negócio sério, é para o sujeito produzir dentro das fábricas, dos escritórios...".

Falando sobre o interesse que o governo tem demonstrado em implantar o ensino pago nas escolas públicas, disse: "É bobagem. Se o governo precisa de dinheiro, o mecanismo é o imposto. Para que criar uma tesouraria lá na universidade e

ter gastos com estes serviços? Isso é primário. E não existe na verdade, ensino gratuito. Todo serviço é pago por alguém. Para o "seu" doutor, quem pagou os estudos? Foram todos os brasileiros que trabalharam e pagaram impostos. Então não vejo porque se pretende complicar. E eles sabem. O que eles querem é criar confusão".

E definindo a universidade brasileira: "Uma caricatura da americana. Quando se quis fundar a primeira universidade, um homem inteligente, em São Paulo, mandou buscar vários franceses da Sorbonne. Agora veja: no interior de São Paulo há uma série de faculdades. Quem é que ensina? É o juiz de Direito, o padre, o médico... Temos que criar gran-

des concentrações. Nos EUA há universidades com mais de 100 mil alunos. Por que então espalhar esse negócio sem ter professor? Se há um cara que é excelente professor, 10 mil alunos devem ouvir a aula dele. Para isso há televisão".

E dos professores: "O vício canceroso é a aula expositiva. Ninguém dá aula desse tipo em parte alguma. Só aqui".

E mais adiante: "Se o professor, ao invés de dar a prova no fim do ano desse-a no dia 1º de março, ficaria sabendo a ignorância de todo mundo e ia ensinar aos ignorantes. O que adianta dar a prova no fim do ano se já terminou o ano? Ao invés do professor falar, o aluno deveria falar; ao invés da secretaria da escola exigir coisas, deveria ficar em função

da vida escolar... Esse esnobismo dos professores com falsa ciência, colocando banca, também deve acabar... nós não temos tradição cultural nenhuma. Vamos ser humildes, subdesenvolvidos e honestos. Nas teses eles nunca citam os livros brasileiros. Eu jamais fui citado em teses, embora escreva, escreva. Eles citam livros russos que nunca leram porque não sabem russo. Então o livro caboclo, tupiniquim que a gente faz aqui com a maior força e tal não aparece. Mas se você for ler o texto da tese acaba vendo que tudinho foi copiado do nosso livrinho. Isso tudo é bobagem. Temos que ser mais humildes e reconhecer que somos subdesenvolvidos. Uma boa medida é virar tudo do avesso, o que melhoraria muito".

estudantil tomam a palavra

Madame 350 estudantes de quase todos os centros universitários no país, a criação de Associações de Diretórios Acadêmicos de AL-5. Programado pela Escola de Comunicações e Artes da USP os De Santa Catarina estiveram presentes os acadêmicos Léo Rosa de Federal de Santa Catarina e Acari Amorim, Presidente do Diretório

procurou saber dos problemas, em particular dos alunos da Escola estudantil que se propaga de São Paulo para todo o país.

leiro" e o descontentamento geral das massas que se patenteou a partir do último processo eleitoral e que começa, aos poucos, a se concretizar em protestos e revoltas, ainda isolados, por parte de operários, camponeses e classes médias urbanas. Ao que tudo indica, o inevitável agravamento da crise econômica do regime vai provocar o detonamento de mobilizações cada vez mais frequentes e o protesto dos estudantes soará cada vez mais alto nos ouvidos de uma elite governamental que perde progressivamente o apoio social.

CRISE NA USP

A atual paralização das aulas na ECA tem por objetivo imediato a renúncia incondicional de seu diretor, professor Manuel Nunes Dias. Essa paralização é decorrência de uma série de arbitrariedades que o professor Nunes vem cometendo ao longo de três anos à frente da Direção da Escola.

A crise inaugurada na ECA com a entrada do Professor Nunes em sua Direção, só veio a atingir seu ponto mais alto com o episódio que envolveu a reprovação do Professor Sinval Medina em seu exame de qualificação para mestrado resultando em sua recontração pela Escola. Três professores do Departamento de Jornalismo e Editoração demitiram-se alegando facciosidade na banca examinadora.

Diante de tal situação, os alunos do 5º e 7º semestre de Jornalismo elaboraram um documento denunciando as arbitrariedades cometidas pelo Professor Nunes durante toda a sua administração. A partir deste documento, foi convocada uma Assembléia Geral dos alunos da ECA para o dia 16 de abril. Esta Assembléia decidiu exigir a renúncia do Diretor através de um abaixo assinado dos alunos; foi decidido também que a partir de então, toda a Escola permaneceria em regime de Assembléia Permanente, com aulas paralizadas até que se efetivasse a renúncia ou demissão do Diretor.

— Em nossa Escola, o cargo de Diretor reveste-se de uma importância muito maior do que nas outras unidades da USP. Isto porque na ECA não existe uma congregação ou qualquer outro órgão colegiado de decisão. Dessa forma todo o poder deliberativo e decisório acha-se centralizado nas mãos de uma única pessoa: o professor Nunes, diz Edson Colassani, do 7º semestre de Jornalismo da ECA.

A estes fatos se juntaram duas passeatas pelo campus da USP que bastaram para a questão Nunes deixar de ser um mero problema da burocracia universitária e se transformar numa questão que toca diretamente aos donos do poder sobre a universidade e sobre a sociedade.

— A renúncia do Nunes será, sempre, uma vitória dos estudantes. Mas, caso ele temer em continuar na ECA, a greve geral da USP se torna o meio necessário para aumentar a nossa solidariedade, união e força diante deste inimigo de todos os estudantes, professores e funcionários, diz Edson Colassani.

A bicicleta

Conto de Antônio Juraci Carlini

Bem dentro, no fundo de si, Adinho buscou o riso. Forçou. Mexeu a boca sem jeito. O riso não veio. Tosse. Disfarce. O riso, só nos lábios, não adiantava. A bicicleta... Beбето, o vizinho, na calçada, do outro lado da rua. A alegria e a bicicleta do Beбето, no outro lado da rua. Louro. Bonita combinação: a bicicleta verde e o ouro dos cabelos do amiguinho. Um anjo. Só que os anjos não andam de bicicleta. Não precisam (eles têm asinhas brancas, assim...) Seria bom a gente virar anjo e voar bem alto, no azul, sentar em cima de uma nuvem, daquelas grandonas, branquinhas. Ficar assim até que a noite viesse trazendo a lua. E brincar com as estrelas. Adinho coçou a cabeça. Suspirou. Dentro dos olhos pretos, a cobiça desenhava uma bicicleta bem grande. E uma triteza bem grande. Assobiou a última música que aprendeu do rádio. O assobio modulava angústia. Papel chutado para longe com raiva. As sandálias havaianas. Passo apressado na calçada. O dedo na boca. Atravessa a rua. Resolução:

— Emprста um pouquinho???

A bicicleta era a coisa mais linda do mundo. Adinho, os olhos, bem compridos, o dedo na boca, palpitação. A bicicleta penetrou-lhe os olhos cobiçosos. Correu para dentro, bem fundo, arrancando o sorriso que custara brotar. Adinho navegava o espaço. Milhões de luzeiros. Estrelas varridas. Uma estrada de estrelas. A bicicleta-nave — bicicleta espacial — engravava as estrelas. Adinho passara os luzeiros do céu. Machucara-os com sua linda bicicleta da cor dos olhos de Deus. Por Júpiter, não! As asas de Adinho é que machucavam as estrelas. E as estrelas sangravam e os olhos de Adinho também. De lágrimas e de sangue o infinito se inundava. Mas ele ria. Ria e soluçava. A Felicidade. Dor. Toda felicidade dói muito. No peito de Adinho, uma enorme aranha amarrava-lhe o coração. Aranha-angústia. Aranha-bicicleta. O mergulho no infinito. Adinho caía, caía sempre, sem chegar ao fundo. A pergunta de Beбето vem da profundidade do abismo para interromper a queda:

— Quer experimentar??
Quer dar uma volta??

Muxoxo.

— Não sei andar de bicicleta...

A vida dos Livros

PROCESSOS DE FABRICAÇÃO E MATERIAIS PARA ENGENHEIROS — Lawrence E. Doyle — Professor da Universidade de Illionis; 640 pp., 524 ilustrações, 47 tabelas.

A orientação adotada no decorrer deste excelente texto é explicar os princípios em que se baseiam os processos de fabricação, que são considerados neste livro como problemas de engenharia, descrever práticas a fim de ilustrar os princípios. Um dos seus objetivos é mostrar como os princípios científicos e econômicos são aplicados, na avaliação e resolução destes problemas. Problemas semelhantes são apresentados nas partes finais dos capítulos, a fim de fornecer aos estudantes exercícios de aplicação de princípios de engenharia.

—x—

O ADMINISTRADOR E A APRENDIZAGEM PROGRAMADA — Tradução Adilson Simões — Engenheiro — 122 pp.

Uma obra programada para o estudo por si próprio. De interesse para todos os diretores executivos e gerentes em geral que desejem conhecer a natureza e o alcance do ensino programado podendo ser também usado como leitura complementar em cursos de nível superior.

—x—

CALCULO VETORIAL E GEOMETRIA ANALÍTICA — Maria Helena Novais — Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Pernambuco.

Contém o programa de geometria analítica para ciclo básico de nossas universidades, que aborda a matéria de forma didática, apresentando um razoável número de exercícios resolvidos e a resolver. Foi evitada a inclusão de noções da geometria de curvas e superfície pois envolvem alguns conhecimentos de cálculos diferencial e integral, matéria essa de pouco conhecimento no primeiro semestre universitário.

—x—

HISTÓRIA GEOLÓGICA DA VIDA — A. Lee McAlester — Professor da Universidade de Yale — 174 pp., 80 ilustrações, 6 tabelas e uma série de "textos básicos de geociências".

Organização cronológica, inicia com os primeiros organismos existentes há bilhões de anos e finaliza nos primórdios da civilização humana há cerca de 5.000 anos. A Geologia, a Biologia, os fundamentos da genética, da Fisiologia e da Bioquímica são tratados nesse volume como ciências fundamentais no estudo da vida antiga.

—x—

A PSICOLOGIA SOCIAL DA ORGANIZAÇÃO — Karl E. Weick — Professor da Universidade de Minnesota — 130 pp., 4 ilustrações.

O autor examina, pelo prisma sócio-psicológico, os problemas da organização à luz das doutrinas contemporâneas e os diversos processos operacionais de organização. O método que utiliza, a partir de modelos, facilita sobremaneira a apreensão e aprofundamento de todas as implicações da organização tomada como modelo-objetivo.

Contendo excelente bibliografia, o livro, pela seriedade das diversas apreciações, estabelece uma perfeita conexão com o criterioso ponto de vista de abordagem da matéria.

—x—

As obras comentadas nesta coluna encontram-se à venda na sua LIVRARIA UNIVERSITÁRIA — Rua Antonio da Veiga, 191 — Tel.: 22-1426 — Em frente à FURB — Blumenau — SC.

DESDE 1880

UMA ETIQUETA

DE QUALIDADE

INTERNACIONAL



malhas
Hering

Teatro

“Fazer Teatro é uma loucura”



Herculano Domício é um dos integrantes do Grupo Phoenix da FURB que é dirigido pela mestre Edith Kormann. Nossa intenção primeira era entrevistar a professora Edith pois foi ela, com todo o seu entusiasmo e coragem quem lançou as primeiras sementes do teatro em nosso meio estudantil. Esta entrevista fica para uma outra edição. Nesta vamos apenas colher o desabafo de um dos integrantes do Grupo (ator), pois são eles que sentem mais diretamente a luta que é fazer teatro. Escolhemos o Herculano que ainda não é “o Grande”, mas deverá chegar lá em termos de teatro. Mesmo com aulas, muitos exercendo atividades profissionais e com a falta de público e de apoio eles ainda repartem um bom tempo para o teatro que, como diz o Herculano, “é uma loucura”.

JU — Fazer teatro então é uma loucura Herculano?

HD — É isso mesmo. Fazer teatro em Blumenau é uma loucura, é sonhar alto demais. Não temos público. Fizemos agora duas apresentações com a peça “O Homem do Princípio ao Fim” do Millôr com um público razoável a nos estranhar, e pronto.

JU — E há uma maneira de contornar isso, Herculano?

HD — Pode-se pensar em outra coisa, menos em se apresentar sempre aqui. O jeito é sair; e como é difícil sair. Os palcos praticamente inexistem, as condições são mínimas. É mais outra loucura. E o público não vem. Para se trabalhar de cabeça fria é fundamental que você não pense em lucros,

do contrário você nem começa a montar a peça. Somente depois da dívida assumida é que a gente faz o diabo para ressarcir. É tudo uma loucura.

JU — Bem, já vimos que você gosta de falar sobre este assunto. Bem, vá em frente rapaz, que depois temos mais umas perguntinhas cretinas para fazer!

HD — Bem, o que aconteceu em Blumenau, com o teatro, chega a ser até um paradoxo. Senão vejamos: quando o município ainda era colônia existia o Teatro Frohsin — onde hoje fica a Celesc, na Alameda Du. que de Caxias. Era constante a apresentação de peças clássicas. Claro que em língua alemã. Mas o município, com dez por cento da população atual, ou menos até, prestigiava muito, e sempre havia casa cheia. E a peça não ficava somente um ou dois dias, não. Ficava em cartaz durante a semana toda. Hoje, apesar da cultura fundamental ter ainda sintomas da européia, a educação para o teatro é bem outra. Há uma aversão quase que total por esta arte. E, como consequência direta, o blumenauense fica privado de assistir bons espetáculos, pois é temeroso trazê-los para cá, já que o promotor correrá o risco de assumir uma dívida muito grande. O desinteresse por teatro é tão grande que o Carlos Gomes lota somente quando é promoção de um grupo de estudantes em formatura. Dessa forma o lucro é visto em primeiro plano e a arte de uma forma secundária. A arte sempre vai para as bulhufas. É incriável, mas é isso aí...

JU — Bem, cara, e você só vai malhar o pau? Ora, vamos

lá, fale sobre as esperanças (não as esperanças — e as farnas e os cronópios — do Júlio Cortázar). Bem, uma saída, uma abertura, já que tanto falam em abertura hoje em dia...

HD — Bem, acho que tudo deverá mudar. É uma esperança, principalmente quando analisarmos o sucesso do teatro infantil. Estas crianças serão educadas e se conduzirão a assistir as peças adultas daqui a alguns anos. E garanto que terão sensibilidade para escolher boas peças, autores e atores, aliado ao seu poder crítico. A outra esperança está na descentralização dos polos culturais. Com a literatura e as artes plásticas isto já foi possível. Agora é a música. Tomara que logo, logo, isto aconteça com o teatro.

(Ao ouvir a palavra literatura, Zé Roberto Rodrigues, fica com os olhinhos brilhantes de gozo...)

JU — Gostas mais do Bertold Brecht, para interpretar, ou qualquer outro autor o entusiasmo na mesma medida?

HD — Sem ser injusto com ninguém, é com Brecht que me identifico melhor em palco. Talvez por conhecer quase todas as suas obras traduzidas, um pouco do que escreveram sobre sua vida; ou então, indução psicológica: sou introvertido, e é Brecht que, no palco, me obriga a agredir. É a hora em que me encarno, me entusiasmo e boto tudo prá fora...

(E aí faz um gesto de quem vomita).

JU — Atualmente você está ensaiando alguma peça? Qual?

HD — Sim. Além do “O Homem do Princípio ao Fim”, de Millôr Fernandes, que exige um trabalho constante, começamos, na FURB, “Viúva, Porém Honesta”, de Nelson Rodrigues. E no Carlos Gomes Júnior estaremos ainda na primeira quinzena desse mês, a peça infantil “Aprendiz de Feiticeiro”, de Maria Clara Machado.

JU — Não se intimida com o público, mesmo com o Brecht te protegendo? Consegues encarnar totalmente (e fielmen-

te) o personagem interpretado, sem se preocupar com a platéia?

HD — Não. Respeitamos o público, pois é com suas reações que conseguimos avaliar nosso trabalho. Por isso não há razões para se intimidar com a platéia. Nem mesmo com as vaias, pois elas são uma forma de estudarmos uma melhora, ou uma maior compreensão.

JU — Fale sobre a peça “O Homem do Princípio ao Fim”, do Millôr. Foi levada ao palco (ah, que chavão) em quantas cidades do estado? Rendeu pouco ou muito dinheiro, ou não rendeu nada o trabalho de vocês?

HD — “O Homem do Princípio ao Fim”, desde sua primeira apresentação, a 19 de dezembro do ano passado, no Carlos Gomes vem apresentando mutações, procurando aprimoramentos. Com sacrifícios — onde se procura conciliar trabalho, estudo e teatro — os membros do grupo se propõem trabalhar seriamente. Com orientação de Edith Kormann, trabalham nesta peça, ainda, Valdir Damião, Marilu Ribas, Antônio Kretzer, Ingelore Lisemberg, Domingos Sávio e Cláudio Junger. Além de uma equipe técnica a cargo do contra-regra Sérgio Wollstein. Já fizemos duas apresentações em Blumenau, Indaial e Timbó. Temos convite para Chapecó e Joaçaba, e os acetos para apresentação em Lages, Itajaí, Brusque, Joinville e Florianópolis. O maior problema é o tempo disponível para apresentação, pois a maioria trabalha, além de estudar. Em dinheiro nem se fala. Olha: deu para o gasto.

JU — O que é mais fácil para você: trabalhar em peças “pesadas”, censuradas, ou em peças infantis? Explique seu ponto de vista.

HD — Não é mais fácil trabalhar em peças adultas, pois a gente se identifica com o personagem e se encarna nele a sério. Quanto a peças pesadas seria muita pretensão minha, pois tenho só 56 quilos (Ouvem-se risadinhas alguém começa a gozar o entrevistador). E fazer peça infantil é uma boa também, pois trata-se de mais uma experiência.

(Prosseguem as risadinhas, seguem-se cumprimentos, despedem-se todos). **BAIXA O PANO. FIM.**

Festival Universitário da Canção

Um desabafo da criação musical

"ZEZÉ COISA NOSSA" — a música que conseguiu a primeira colocação é de Rubens Monteiro Junior, estudante de Administração de Empresas na Universidade Federal de Santa Catarina. Foi interpretada por Michel, Rubens e Espelho Mágico.

A Música é samba canção inspirada nas folias carnavalescas da Ilha. ZEZÉ segundo seu compositor Rubens Monteiro Junior, existiu. Foi um de seus colegas de rodas de samba.

—x—

"MINHA TERRA" — A segunda música colocada é de Ana Nilce Schiocchet — estudante de Letras da Fundação Educacional de Blumenau — FURE. Ana Nilce cantou as belezas do verde Vale do Itajaí. A interpretação foi executada pelo "Grupo Pé de Vento".

—x—

"QUEM FOI QUE DISSE" — A música que alcançou a terceira colocação é de autoria de Nelson Russi Wagner — estudante da Universidade Federal de Santa Catarina. "Quem foi que disse". Também é samba com muito balanço. Sua interpretação esteve a cargo de Luiz Fernando Borba, Duval Borba Neto, Maria José da Luz, Odail Rissi Jenine e Ademir, todos estudantes da FUNC de Joinville.

—x—

"UMA CANÇÃO PARA SEGUIR" — de Juraci Carlini — estudante de Letras na FURB e "PRA NÃO DIZER QUE EU FALEI" de Heloisa Soter Correia, da FUNC de Joinville, foram as músicas classificadas em 4ª e 5ª colocação, respectivamente.



ZEZÉ COISA NOSSA

NOSSA ALEGRIA PAROU,
NO SOM DO SEU TAMBORIM
SUA VARETA QUEBROU
MAS REPICOU ATÉ O FIM

O SEU COMPASSO MARCAVA
A CADÊNCIA NA VIDA DO SAMBA
QUANDO A ESCOLA SAIR
VAI SAIR DESFALCADA DE UM
BAMBA

TODA ESCOLA SENTIU
E ESTÁ TODA NA FOSSA
MAS O LUGAR DE TAMBORIM AINDA
É SEU
ZEZÉ COISA NOSSA

QUEM FOI QUE DISSE
DISSE QUE EU NÃO SOU DE SAMBA
NÃO SOU DA ESCOLA DE BAMBA
NÃO TENHO CASA NEM DEUS

QUEM FOI QUE DISSE

QUEM FOI QUE DISSE
DISSE QUE EU SOU UM PILANTRA
QUE EU TENHO CASO COM OUTRA
E SOU INVOCADO DEMAIS

QUEM FOI QUE DISSE
DISSE QUE EU NÃO GOSTO DELA
DEIXEI BARRACO FAVELA
FUI MORAR COM MEU VIOLÃO

QUEM DISSE MENTIU MAGOOU DEMAIS
QUEM DISSE MENTIU MAGOOU DEMAIS

FOI ELA
A PRIMEIRA DONZELA
QUE ME APARECEU

FOI ELA
A CERTEZA MAIS BELA
QUE ME ACONTECEU

la, la, la, la, la, la,
la, la, la, la, la, la,



MINHA TERRA

ENTRE AS FLORES DO SERTÃO
NASCE A GRAMA PELO CHÃO

VEM O VERDE DA ESPERANÇA
NESTA TERRA AINDA CRIANÇA

EM SEUS RIOS TEM PEIXINHOS
EM SUAS MATAS PASSARINHOS

NESTA TERRA TE CONHECI
PENSO NELA PENSO EM TI

OH MINHA AVE NÃO TE CALES
VEM CANTAR NO VERDE VALE
OH MINHA AVE NÃO TE CALES
VEM CANTAR NO VERDE VALE

SUAS NOITES TEM LUAR
EU ME SENTO E OLHO O MAR

QUANDO O DIA AMANHECE
DEIXO A LUA O SOL ME AQUECE

A AVE BRANCA DO ROCHEDO
JÁ LEVANTA ACORDA CEDO

QUERO VER O CÉU AZUL
TE COBRIR DE NORTE A SUL